

Fotos: Ana Dubeux/CB/D. A. Press



Rosmari Cavalli tem esperança de ser curada de um câncer



Denise descobriu o caminho de volta à igreja depois de anos afastada

Humor, gratidão e cura no roteiro da fé

Delma Regina Della Riva, fisioterapeuta, e Luiz Mário de Barros, contador, peregrinavam para agradecer. Além de celebrar os 30 anos de casados, comemoravam porque o filho mais velho, depois de um longo distanciamento, agora voltou a acompanhá-los nos trabalhos sociais da Igreja. “Foi uma bênção para toda a família.”

No grupo, há quem busque alívio para as dores da alma, mas também para as moléstias que atingem o corpo. A professora aposentada Rosmari Cavalli Piana, natural de Cascavel, no Paraná, teve câncer em um dos pulmões, ficou curada, mas há nove meses a doença voltou. “Eu e meu marido já queríamos fazer uma viagem como essa, de peregrinação, embora eu não soubesse da força de cura de Nossa Senhora de Lourdes. Foi quando surgiu a oportunidade de vir”, disse.

A esperança de sair curada de Lourdes é real, mas quem busca alívio na fé conhece também os caminhos de Deus. Só de estar ali, Rosmari já se sentia fortalecida para enfrentar o tratamento. Emocionou-se na gruta de Lourdes, mas também na Igreja de Pilar, em Zaragoza, e na Catedral de Madri, todos lugares sacros, onde agradece e pede forças para seguir sua jornada em direção à cura.

Denise Alves, 59 anos, de São Paulo, também deu um testemunho impactante, focado

no agradecimento. Ela descobriu o caminho de volta à Igreja depois de muitos anos afastada da fé. Pessoalmente, falou sobre os milagres que ocorreram em sua vida, inclusive a cura de uma doença, sempre ressaltando a necessidade de gratidão. Ali, ela pedia por um sobrinho.

Pedidos e agradecimentos

Todos têm seus motivos para estar numa peregrinação religiosa. Mas a viagem, o caminho, acaba por transformar as pessoas, independentemente de seus objetivos. Helenita Souza, 62 anos, é uma professora cearense, trabalha no Centro Cultural Dom Aloísio Lorscheider, que atende a cerca 300 pessoas em Tianguá, município na Serra da Ibiapaba. Seu ofício de ensinar ocorre num antigo convento. Ali, ocorrem aulas de violão, artes cênicas e plásticas, artesanato, bordado, pintura, costura.

“Quando fiz 60 anos, senti o desejo e tive mais coragem e maturidade para viver algumas experiências na minha vida. Esta é uma delas”, disse. Ela deixou o marido no Ceará e fez a sua primeira viagem à Europa acompanhada da filha mais velha, Daliane.

Já tinha visto o filme *A Canção de Bernadette* (veja **boxe**). “Quando eu assisti,

pensei: ‘um dia eu irei em Lourdes’. E aquele desejo ficou no coração. Fui juntando as moedinhas de professora”, brinca.

Na fronteira da Espanha com a França, Helenita faz pose ao lado da colega de peregrinação num mercadinho que vendia vinhos, Magna Tereza Vitória de Freitas, 47 anos, nutricionista. Ela veio pagar uma promessa à Nossa Senhora de Fátima. Cantora não profissional, tinha uma banda de metal melódico, mas hoje canta na Igreja.

Magna é uma das mais comunicativas do grupo. Nasceu na Paraíba, viveu lá boa parte da juventude, mas se mudou para Manaus há mais de 15 anos. “Tentei tocar rock na igreja, mas não deixaram. Então, comecei a cantar mais e mais as músicas tradicionais. Hoje, canto o que me pedem”, diverte-se. Consagrada à Nossa Senhora, ela se lembra do dia em que foi “vestida de roqueira” para a igreja. “Foi o dia que recebi mais bênçãos. Deus acolhe tudo.”

O humor também vai de mãos dadas com a fé. Embora a religião tenha os seus momentos litúrgicos e solenes, não faltaram as risadas. Flávia Chagas, 37 anos, era a mais jovem do grupo do riso, da música e da oração. E sua alegria podia contagiar até mesmo os religiosos que nunca se furtaram ao bom humor no decorrer do percurso.